

“E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE... OU NÃO”: A INFLUÊNCIA DO MITO DO AMOR ROMÂNTICO NA HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

Cleide MEURER¹
Valdecir Antonio ELGER JUNIOR²
Gabriele Salette de OLIVEIRA³
Ana Maria MUXFELDT⁴
anamuxfeldt@fag.edu.br

RESUMO

O presente artigo aborda o fenômeno da Heterossexualidade Compulsória, explorando sua relação com o Mito do Amor Romântico (M.A.R.). Por meio de um roteiro de entrevistas semiestruturado, investigou-se os aspectos do M.A.R. e da Heterossexualidade Compulsória presentes em relacionamentos heteroafetivos vivenciados por pessoas homossexuais, e relacionando os aspectos da temática com a narrativa apresentada pelos participantes, descrevendo como o M.A.R. pôde ter influenciado indivíduos homossexuais a terem estabelecido relacionamentos heteroafetivos. Os participantes do estudo foram dois homens e duas mulheres cisgênero, com idades entre 25 e 40 anos, que atualmente se identificam como homossexuais. A pesquisa foi conduzida na região Oeste do Paraná, entre os meses de março e julho de 2023, utilizando a técnica de referência em cadeia (Snowball Sampling), convidando-os a participar de entrevistas individuais e presenciais que foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise de seu conteúdo, tendo o objetivo de compreender como construções sócio-históricas se relacionaram com as experiências de sua sexualidade. Os resultados revelaram que o Mito do Amor Romântico exerceu influência significativa na manifestação da heterossexualidade compulsória nos indivíduos homossexuais entrevistados, destacando a importância de examinar criticamente tais normativas sociais, a fim de promover uma maior compreensão e aceitação da diversidade sexual e afetiva.

Palavras-chave: Mito do amor romântico; Heterossexualidade Compulsória; Homossexualidade; Homoafetividade; Análise de Conteúdo.

Acadêmico do Curso de Psicologia - Centro Universitário FAG.¹

Acadêmico do Curso de Psicologia - Centro Universitário FAG.²

Auxiliar de pesquisa-Acadêmico do Curso de Psicologia - Centro Universitário FAG.³

“AND THEY LIVED HAPPILY EVER EVER... OR NOT”: THE INFLUENCE OF THE MYTH OF ROMANTIC LOVE ON COMPULSORY HETEROSEXUALITY

Cleide MEURER¹
Valdecir Antonio ELGER JUNIOR²
Gabriele Salette de OLIVEIRA³
Ana Maria MUXFELDT⁴
anamuxfeldt@fag.edu.br

ABSTRACT

This article addresses the phenomenon of Compulsory Heterosexuality, exploring its relationship with the Myth of Romantic Love (M.A.R.). Through a semi-structured interview script, we investigated the aspects of M.A.R. and Compulsory Heterosexuality present in heteroaffection relationships experienced by homosexual people, and related the aspects of the theme with the narrative presented by the participants, describing how the M.A.R. could have influenced homosexual individuals to have established heteroaffection relationships. The study participants were two cisgender men and two women, ages 25 to 40, who currently identify as homosexual. The research was conducted in the western region of Paraná, between the months of March and July 2023, using the chain reference technique (Snowball Sampling), inviting them to participate in individual and face-to-face interviews that were recorded in audio and later transcribed for analysis of their content, with the objective of understanding how socio-historical constructions related to the experiences of their sexuality. The results revealed that the Myth of Romantic Love exerted a significant influence on the manifestation of compulsory heterosexuality in the homosexual individuals interviewed, highlighting the importance of critically examining such social norms in order to promote a greater understanding and acceptance of sexual and affective diversity.

Keywords: Myth of romantic love, Compulsory Heterosexuality, Homosexuality; Homoaffection; Content analysis.

Acadêmico do Curso de Psicologia - Centro Universitário FAG.¹

Acadêmico do Curso de Psicologia - Centro Universitário FAG.²

Auxiliar de pesquisa-Acadêmico do Curso de Psicologia - Centro Universitário FAG.³

Orientador: Professor Esp. do Curso de Psicologia – Centro Universitário FAG⁴

1 INTRODUÇÃO

A Heterossexualidade Compulsória é um fenômeno que consiste em fomentar padrões de comportamento hétero-cisnormativo, impelindo os indivíduos a se enquadrarem em tais normas. Adrienne Cecile Rich (1981), questionou a heterossexualidade em uma via institucional na constituição de um eixo de opressão, que posicionava/estabelecia que as mulheres eram naturalmente heterossexuais, argumentando também, uma homofobia que se herdou de preconceitos a partir da religião, medicina, economia e sociedade tradicional (RICH, 1981). Em consonância com tal argumento, Lins (2017) propõe que, no amor romântico, o indivíduo idealiza a pessoa amada e projeta nela o que gostaria que ela fosse, atribuindo características de personalidade que o mesmo não possui, que em suma, não se relaciona com a pessoa real, mas com um indivíduo inventado - idealizado - a partir de suas próprias necessidades.

No ano de 2019, cerca de 2,9 milhões de pessoas se declararam homossexuais ou bissexuais no Brasil, correspondendo 1,8% da população adulta maior de 18 anos. Entretanto 1,7 milhão não sabia sua orientação sexual e 3,6 milhões não quiseram responder. Os dados divulgados no dia 25 de maio de 2022 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), são da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) – no quesito orientação sexual, que investigou pela primeira vez, de forma experimental, tal característica na população brasileira (BARROS, 2019).

Tendo isso em vista, considera-se que esta pesquisa é relevante pois poderá contribuir com os profissionais da área ao discutir para que os princípios apresentados sejam pensados e questionados pela sociedade, além de subsidiar novas possibilidades de práticas que impliquem em novos estudos de comportamento da comunidade LGBTQIAPN+, um novo olhar crítico para as vivências ou experiências desta população. Pelo aspecto social, esta pesquisa se justifica visto que pode trazer entendimento às pessoas homossexuais acerca de como tais construções sócio-históricas se posicionam frente a sexualidade dos indivíduos a serem pesquisados, que por muitas vezes, direciona involuntariamente algumas de suas escolhas em caráter afetivo, sexual e de relações, por exemplo.

A pergunta que moveu essa investigação foi se o M.A.R. (Mito do Amor Romântico) influenciou a Heterossexualidade Compulsória nas experiências de

relacionamentos heteroafetivos em pessoas homossexuais. Visando alcançar este objetivo, os pesquisadores procuraram relatar experiências de relacionamentos heteroafetivos em pessoas homossexuais e verificar os aspectos do M.A.R. (Mito do Amor Romântico) e da Heterossexualidade Compulsória que estão presentes em relacionamentos heteroafetivos dessas pessoas, relacionando o M.A.R. (Mito do Amor Romântico) com a Heterossexualidade Compulsória nos relatos apresentados pelos participantes e descrever aspectos de tais mitos que podem ter influenciado nas decisões dos pesquisados.

1.1 M.A.R. (MITO DO AMOR ROMÂNTICO)

Depois de diversas pesquisas e estudos, é possível ter um entendimento mais amplo acerca das mais variadas formas de como pode-se definir e descrever a sexualidade humana. Existem características e formas impostas na cultura que foram sendo construídas ao longo da história (RICH, 1981). A forma como busca-se em um parceiro amoroso a realização das expectativas sociais - bem como quais são as características que durante a constituição de um indivíduo são consideradas como mais adequadas - por muitas vezes são impostas de uma forma velada em núcleos familiares, de trabalho, religiosos e sociais (MENEZES, 2007). Isso implica na forma como espera-se que se vivencie a sexualidade e o comportamento sexual, estando a frente de talvez, um não real desejo, ou seja, o indivíduo vivencia uma afetividade que é esperada pelo seu contexto, não necessariamente sendo a que o próprio indivíduo deseja (FREUD, 1921).

Lins (2012) cita o Amor Romântico, como calcado em uma idealização de outro indivíduo, pregando a fusão total dos mesmos enquanto amantes, criando a ideia de que os dois se transformarão em um só. Entende-se também que os mesmos se completariam e que nada mais lhes faltaria, que o amado seria a única fonte de interesse de ambos, ocasionando em muitas vezes, o abandono de seus grupos sociais no início dos relacionamentos. Também que cada um terá suas necessidades satisfeitas pelo amado, não sendo possível amar duas pessoas ao mesmo tempo, bem como, quando se está amando, não há interesse sexual por mais ninguém.

É comum pensar no amor como se ele nunca mudasse. A forma como o amor é vivenciado é construída socialmente e, em cada época e lugar, se apresenta de um jeito. Crenças, valores e expectativas orientam a conduta íntima de homens e mulheres, determinando a forma como se vive, sofre, goza e morre. Também como elegem a forma de amar, podendo acompanhar sua origem, desenvolvimento e transformações observando a História. História essa que, desde o advento do cristianismo, tinha seu ideal de amor voltado a Deus, transformando-se em amor cortês, que seria sua manifestação na relação interpessoal. No século XII, transformou o comportamento de homens e mulheres a partir dos trovadores, que eram nobres pertencentes a corte de Provença, na França, e mais tarde, estendeu o ideal de amor cortês, afável, e reverente a outras regiões e classes sociais da Europa medieval (LINS, 2017).

Como ideal de perfeição ética e estética, o Amor Romântico tem a promessa de um tipo de felicidade em que o indivíduo encontra plenitude em uma adequação física, espiritual, mental e social ao outro. Então, havendo esse tipo de amor, transporta-se para dentro de si a imagem do outro indivíduo. No entanto, apesar de este outro estar existindo, de fato, fisicamente no relacionamento, tende-se a conservar certo grau de privacidade que permite estar com o ele(a) sem querer gerenciá-lo (MENEZES, 2007).

Ao que tudo indica, o M.A.R implica em uma determinada condição de alienação, que coloca os indivíduos, ao mesmo tempo, como interdependentes e co-autores em uma construção indefinida, pois não sabe-se como será o futuro de tal formato de relação/relacionamento. Em sua ligação, Freud (1921) afirma que tais identificações advindas da via do inconsciente na formação do ser humano, a mais remota expressão de um laço emocional por outra pessoa.

Lázaro (1996) cita histórias como a de Romeu e Julieta, Titanic, entre outros, como exemplos de uma formulação do M.A.R moderno, sendo principalmente o fator de tais modelos e temáticas, a origem de tensões entre os indivíduos e seus papéis sociais, que implicam em escolhas, talvez, não autênticas, e obediência a tais regras/exemplos. Torna-se imprescindível uma compreensão de tais movimentos, que acabariam por trazer possibilidade de ascensão do amor romântico de forma qualitativa em nossa sociedade, e que não aumentariam ainda mais a proporção de angústias em indivíduos que não fossem orientados por tais formatos, diga-se a população LGBTQIAPN+. Em contraponto, também veículos de mídia e a vivência das relações amorosas atuais, promovem uma provocação quanto a disparidade que ocorre na

contemporaneidade, na qual o ideal de amor romântico escoa a partir de um individualismo intensificado pela cultura consumista.

A proposta de uma paixão pelo efêmero e a voracidade do consumo, repercute na dinâmica das relações humanas, chocando-se com alguns propósitos básicos do ideal do amor romântico, que tem como pressupostos a fidelidade e duração eterna de uniões amorosas, e que continua vigorando pelo enaltecimento de sua formação sócio-histórica, ou seja, é fruto de uma construção de longa data, com solidez em sua proposta de controle e alienação, e que devido a queda de ideais que se voltam para a coletividade nos tempos atuais, torna-se possível pensarmos e explorarmos novas possibilidades de relações, sexualidade e comportamentos sociais afetivos. (TOLEDO, 2013).

As diferentes formas de entendimento do que é o amor, que foram construídas em cada época, trouxeram novas formas de expressá-lo e senti-lo. O ser humano se deixa guiar pelas sugestões discretas oferecidas pelo social, familiar, religioso, alienando-se e enraizando-se nessas formas de pensar e sentir a vida, que orientam seu modo de agir através de tal mito, e que por sua vez, juntos, reforçam sua alienação (MENEZES, 2007).

1.2. HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

A heterossexualidade obrigatória ou heterossexualidade compulsória é um fenômeno independente à orientação sexual, mas que compete deixar claro que seu conceito se trata de uma categoria para análise, não tendo relação com qualquer proselitismo a homossexualidade (SWAIN, 2012), haja visto que a orientação sexual em muitas situações, é considerada desviada e desaprovada pelo reforço da sociedade patriarcal (RICH, 1980).

Apontando para meios de convencimento e de reiteração, que a escritora Adrienne Cecile Rich (1981) chama de “ideologia do amor heterossexual”, que são repetidas nos contos de fadas, televisão, cinema, propagandas, canções populares e cerimônias nupciais, por exemplo, implica em uma “ideologia do amor”, que é reconstruída incessantemente (RICH, 1981) voltando seu olhar para um formato

hétero-cisnormativo na cultura, que segundo Foucault (1976), pontua na mesma ideologia de amor o conceito de dispositivo amoroso, que segundo ele:

[...] no nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a realidade subjacente sobre a qual se exerceriam ações difíceis, mas a grande rede de superfície onde a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação de conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências se encadeariam uns com os outros segundo grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1976, p. 100).

Referido pela escritora, heterossexualidade compulsória tem sua estrutura na formação de uma “instituição de imposição, controle, organização e propaganda/mídia que se mantém à força” (RICH, 2003, p. 27), o que significa em como vê-se a maternidade, exploração e desigualdade econômica, família nuclear, por meios de controle das mulheres e do feminino, e moldam-as de forma a seguir preceitos de uma sociedade que se diz “liberal e progressista”.

Pensando acerca da heterossexualidade enquanto inclinação cultural, sensual, sexual e emocional para o feminino, também há distinção de papéis pré-dispostos na comunidade LGBTQIAPN+ por características de feminino e masculino, por exemplo. Vidas que não fazem parte de um encaixe em tal continuum, acabam por serem vistas como desviadas/desajustadas, e também fora de um “padrão”, ora também apagadas, discriminadas ou patologizadas (RICH, 2003).

As atuais sociedades negam o que não conhecem e não fazem hipóteses que possam perturbar a “ordem do mundo”, que gera desigualdade, injustiça, exploração e apropriação de uma parte do homem sobre outra. O discurso da verdade, seja religioso ou científico, institui e reproduz a ordem patriarcal, e nele, a heterossexualidade e a predominância do masculino são consideradas universais, diga-se históricas. Tendo viés politicamente compulsório, a heterossexualidade refere-se no processo de persuasão intensa de políticas de família e educação, com uma formulação coercitiva das normas de subordinação e devoção aos homens, criando distinção de trabalho, recompensa e importância social. Nomeando-se usualmente o que não é dito, há a necessidade de rever a materialidade e fenomenologia das relações sociais que acabam por enaltecer o masculino, que se consolida por autoridade em torno de seu sexo biológico, na qual o imaginário social institui a heterossexualidade compulsória e seu corolário de poderes que foram naturalizados (SWAIN, 2012).

1.3 PARALELO ENTRE RELACIONAMENTOS HOMO(SEXUAIS)AFETIVOS E RELACIONAMENTOS HETERO(SEXUAIS)AFETIVOS

Homossexualidade se refere à atração física/sexual e emocional por uma pessoa do mesmo sexo. A homoafetividade diz respeito aos relacionamentos homossexuais, envolvendo aspectos afetivos, sentimentais e sociais. A relação entre duas pessoas independe da sexualidade, pois é um funcionamento totalitário no qual estão envolvidos não só o casal e suas questões, mas todos os membros de ambas as famílias em que se desenvolveram, a comunidade local e a sociedade em geral (MIGUEL, 2017).

A compreensão da homossexualidade enquanto orientação sexual, pautada pela extinção do termo “homossexualismo” - que além de cair em desuso - acabou com a ideia de patologia de tal inclinação sexual, que atualmente é tanto válida quanto a bissexualidade e heterossexualidade, uma variação de inclinação/orientação sexual. O termo homoafetividade começou a surgir de modo a caracterizar os relacionamentos de orientações sexuais voltadas à pessoa de mesmo sexo. Podemos diferenciá-los desse modo: a homossexualidade é uma orientação sexual, enquanto a homoafetividade, é o exercício dessa orientação, ao relacionamento, com ênfase nos aspectos emocionais, entre pessoas do mesmo sexo (SILVA, 2017).

A criminalização da violência contra as pessoas LGBTQIAPN+ no Brasil parece ter dado um certo conforto aos grupos ativistas, pois a Suprema Corte atuou em resposta à provocação do movimento social organizado, que, insatisfeito com a omissão do Congresso Nacional, acionou o Supremo para que se posicionasse. A violência pode ser considerada um paradoxo antropológico, considerando que é impossível dissociar, radicalmente, a violência da cultura (DRAWIN, 2011), ou seja, apesar da decisão da Suprema Corte e, obviamente, dos inúmeros benefícios que a população LGBTQIAPN+ passará a obter frente a essa decisão, a violência contra esse grupo social não necessariamente diminuirá, dado que nos parece que a violência oriunda da LGBTQIAPN+fobia se funda no poder moral vinculante das performatividades discursivas que instituem a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2015) e que, apesar das tentativas de resignificação desse poder moral, os atos de violência não se apagam, uma vez que são parte da própria cultura.

2 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Essa pesquisa, sobre o ponto de vista de sua natureza, foi classificada como básica. Em relação do ponto de vista dos seus objetivos, a pesquisa se classifica como descritiva, pois as informações observadas após coletas de dados serão observadas sem interferências, usando técnicas padronizadas de coleta dos mesmos. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, essa pesquisa se caracteriza como de campo, por envolver uma interrogação direta das pessoas através de uma entrevista utilizando um roteiro de entrevista semiestruturado. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa (GIL, 2008).

A presente pesquisa ocorreu no período de março a julho de dois mil e vinte e três. Os participantes foram dois homens e duas mulheres cisgênero, com idade entre 25 a 40 anos, que se autodeclaram, indivíduos homossexuais, mas que, anteriormente, tiveram relacionamentos heterossexuais e residentes no oeste do Paraná. Entende-se como critério de inclusão ter vivido publicamente um relacionamento heterossexual de, no mínimo um ano de duração, e estar vivendo ou ter vivido publicamente um relacionamento homossexual por no mínimo 6 meses. Entende-se como critério de exclusão indivíduos que sempre se consideraram heterossexuais ou sempre se consideraram homossexuais ou bissexuais, ou ainda que não tiveram relações heterossexuais ou não se consideram homossexuais. Também não puderam participar desta pesquisa deficientes auditivos e estrangeiros não nativos da língua e cultura brasileira.

O recrutamento dos participantes foi por acessibilidade ou conveniência, logo após a aprovação do CEP, sob número do CAE (67809423.2.0000.5219) utilizando-se a técnica de *Snowball Sampling* ou indicação por referência em cadeia. Os instrumentos utilizados na pesquisa foram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e um roteiro de entrevista semiestruturado. Selecionados os participantes, os mesmos foram convidados a participarem de uma entrevista individual de forma presencial. Após esse agendamento - que ocorreu por ligação telefônica ou mensagens de *Whatsapp* - os pesquisadores apresentaram o TCLE e, após obter o aceite, procederam com a entrevista, formulada por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada contendo 9 (nove) perguntas. O tempo de duração da entrevista foi de aproximadamente 1 (uma) hora.

As entrevistas foram gravadas em arquivo de áudio por meio de um aplicativo de gravação de voz instalado no *smartphone* de um dos pesquisadores e, após o encerramento da entrevista, foi transcrita. Após realizadas as transcrições, os arquivos de áudio foram deletados permanentemente. A pesquisa foi feita totalmente de forma presencial e individual. Os participantes foram convidados a responder a entrevista por meio de um roteiro de questões pertinentes ao tema de forma semiestruturada, em local e horário apazados pelo participante em conjunto com os pesquisadores, em um ambiente de viabilidade logística para os pesquisadores e participantes, livre de interferências de outras pessoas, que implique em segurança, sigilo e anonimato. A execução da pesquisa caracterizada por seus procedimentos técnicos como de campo, foi de maneira totalmente presencial, utilizando o gravador de áudio do *smartphone* dos próprios pesquisadores e a transcrição da entrevista foi elaborada no computador pessoal dos mesmos, em ambiente isolado, que implique no sigilo e confidencialidade dos dados a serem observados.

Os dados coletados foram analisados por meio de Análise de Conteúdo, em que a técnica é utilizada para a interpretação de conteúdos diversos, colaborando para a compreensão dos significados que não são acessados em uma leitura comum e sem aprofundamento, buscando a possível obtenção de características e possibilidades próprias (BARDIN, 1977).

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As discussões de resultados apresentam relatos de participantes que descrevem acerca de suas experiências, como se sentiram e como todo o aspecto de seguir um padrão socialmente esperado se deu em seus relacionamentos, questionando-os frente a tais movimentos, que talvez não fossem genuínos para eles. Alguns participantes relataram ter mantido relacionamentos heterossexuais apenas para seguir o roteiro tradicional de casamento, filhos e construção de uma família, em vez de um desejo autêntico por tais modelos. explora as consequências negativas de seguir um padrão de relacionamento que não é genuíno.

4.1 FALTA DE ATRAÇÃO PELO SEXO OPOSTO

No relato da Participante A, constata-se a existência de interações com indivíduos do sexo oposto, as quais são descritas como eventos casuais e desprovidos de uma dimensão sexual, de um desejo autêntico ou de um afeto romântico. Essa constatação pode ser compreendida como uma desconstrução do paradigma do amor romântico, no qual é esperada uma intensa atração e desejo pelo parceiro do sexo oposto. Além disso, a aparente falta de interesse da participante pelo sexo oposto vai de encontro à norma da heterossexualidade compulsória, a qual pressupõe que todos os indivíduos devem experienciar atração e desejo pelo sexo oposto. Essa interpretação foi viabilizada mediante a análise do relato da Participante A:

Tipo, vou lá, beijei, fiquei. E era assim. Tipo, mais por diversão, por talvez passar tempo. Mas nada que passasse pela minha cabeça. Nossa, que vontade, que tesão de estar com essa pessoa. Nunca aconteceu assim com homem, entendeu? (Participante A)

Acerca da heterossexualidade compulsória, Rubin (1993) também afirma que existe uma estreita relação entre a obrigatoriedade da heterossexualidade e a repressão à sexualidade da mulher. Conforme enfatiza a Participante A: “Não me sentia à vontade, não tinha prazer, não tinha tesão, sabe, de estar com a pessoa. Não conseguia fazer planos com a pessoa.” (Participante A). Fazendo referência ao sistema sexo-gênero, Rubin (1993) afirma que gênero não é apenas a identificação com um sexo: ele obriga também a que o desejo seja orientado para o outro sexo, como lê-se: “Eu só tinha, às vezes, vontade de ficar com a pessoa, mas é porque eu tava bêbada, tava na festa e falava, o que eu vou fazer hoje?...” (Participante A).

No relato da participante B, é descrita uma transição abrupta em sua dinâmica interpessoal com seu ex-marido, na qual ela experienciou uma sensação de violação e repugnância em relação ao mesmo. Essa repulsa em relação ao sexo oposto contradiz as normas sociais que pressupõem que mulheres devem naturalmente sentir atração e estabelecer relacionamentos românticos com homens, de acordo com a ideia de heterossexualidade compulsória. Adicionalmente, a participante ressalta que essa mudança não foi precipitada por episódios de infidelidade ou outros problemas conjugais, sugerindo que o fenômeno transcende a questão de conflito conjugal. Segundo ela:

Eu ia ter relação com o meu ex-marido eu me sentia violentada, essa é a palavra, eu comecei a sentir nojo, repulsa, o cheiro do homem me incomodava, o jeito que o homem tratava começou a me incomodar, eu cheguei num ponto que eu olhava ele, eu não conseguia mais chegar perto, porque eu não conseguia tocar, beijar, abraçar e foi uma coisa que aconteceu, não foi traições que provocaram isso, não foi nada, o meu inconsciente já rejeitava e chegou uma fase no casamento em que eu não aguentei mais (Participante B).

Rich (1981), aponta que a diferença entre os sexos é uma categoria fundadora da heterossexualidade compulsória, que enquanto mecanismo de construção do humano, o dispositivo amoroso institui o feminino, dotado de um destino biológico que ordena, no imaginário social, que seu corpo sexuado se volte incontornavelmente para outrem. Nesse mesmo eixo, o corpo das mulheres é intensamente sexualizado, porém como objeto e não como sujeito da ação carregando a ideia de que os corpos sexuados são determinantes do papel e status no social e de que a “natureza” define a importância dos seres humanos de acordo com a sua biologia.

O participante D relata que seu relacionamento se deu início como uma amizade e gradualmente evoluiu para uma relação romântica. Nesse caso, observa-se a quebra do mito do amor romântico, sugerindo que a atração e o desejo devem estar presentes desde o início de um relacionamento heterossexual. Além disso, a descrição sugere uma dinâmica menos convencional de construção do relacionamento, indo além dos padrões estabelecidos pela heterossexualidade compulsória, que em sua fala diz:

Eu queria casar. E até hoje eu penso assim. Cara, se eu tivesse casado, né? O que seria? Eu imaginava filhos com essa pessoa. E eu não posso falar que eu tinha uma recusa em estar com uma mulher. Porque era muito bom estar com uma mulher, sabe? Tipo, meu relacionamento com ela não tem o que falar. Enquanto durou, foi um relacionamento como meu pai e minha mãe, sabe? De marido e mulher mesmo. Claro, a gente teve a fase de namoro, que era muito sexo. Aí depois teve a fase de planejamento de casamento. Pra ver o que ia gastar, o que não ia gastar noivar e tudo mais. Como todo casal, nossas brigas também, né? Nossas diferenças mas...(Participante D).

Embora a maioria dos interlocutores compartilhe visões naturalizadas sobre o gênero, e sua ocorrência, é perceptível como muitos deles tem diferentes níveis de consciência e adotam tecnologias que reforçam estereótipos de masculinidade, de forma mais evidente (MISKOLCI, 2015).

Seguindo a perspectiva de Teresa de Lauretis (1987), é possível compreender como certas práticas sociais e até mesmo a exposição a representações sociais hegemônicas constituem o que ela chama de tecnologias de gênero, ou seja, impõe o masculino e feminino, mesmo que não sejam autênticos aos indivíduos em sua sexualidade.

4.2 EXPECTATIVAS E INFLUÊNCIAS (FAMÍLIA, CÍRCULO SOCIAL E RELIGIÃO)

No relato da participante A, ela menciona seu enfreteamento frente a pressão em se adequar ao padrão familiar e religioso, de estabelecer um relacionamento heterossexual e formar uma família tradicional. Fica evidente a influência das expectativas impostas pela família e pela sociedade, levando-a a sentir a necessidade de se conformar a essas normas para evitar ser considerado uma “exceção”, que indica algo que é uma variação ou desvio em relação a uma regra ou padrão geral:

E como a gente cresceu na igreja, vendo isso. E assim, presenciando esse convívio, essa tradição, esse padrão. Que muita gente acha hoje que o padrão familiar é o homem, a mulher e ter os filhos. Então, eu acho que... Eu vejo, né. Eu tenho esse sentimento de que eu fiz isso mais pra agradar os outros. Pra agradar o meu pai, minha mãe, minha família. Pra... Tipo, pra não querer ser a ovelha negra da família, entendeu? (Participante A).

E também relata:

Ah, eu vou te falar antes, Né. Tudo por questão familiar, né. O pai, a mãe, às vezes falava assim, tipo, né. Que queria ver a gente casado, né. E na igreja, não sei o quê. E assim, era o convívio, entendeu? Tipo, todas as primas estavam, né”.

“A minha prima me dizia, assim, nossa, linda, você podia estar com o Fulano Ah, tá aí, né? Mas você tá doida. Mas, assim, né? Eu acho que, por eles, eu estaria casada, acho que até hoje, cara.”

“A influência que eu tive pra ter esses relacionamentos foi isso. Questão familiar mesmo. Nada mais que isso (Participante A).

Pensa-se na frustração que poderá causar à família por não corresponder às expectativas deles, como afirma a participante A: “O nosso convívio é o que influencia. Às vezes, as nossas atitudes, as nossas escolhas, né”. Tendo em vista que, de modo heteronormativo, a homossexualidade contraria a construção sociocultural a respeito de si mesmo e do homem e da mulher heterossexuais, na qual o esperado era a afirmação da continuação de uma sociedade patriarcal, que segundo a participante: “...a expectativa era essa, entendeu? De dar continuidade no negócio.” (Participante A), na qual propõe não propagar qualquer tipo de ameaça de grupos minoritários que afetem a moral das famílias tradicionais (Maffesoli, 2007; Miskolci, 2015). Para Martins (2010), a heteronormatividade é compreendida como uma expressão utilizada para descrever ou identificar uma suposta norma social relacionada ao comportamento padronizado

heterossexual , ideia complementada por Mélo (2012), que a relaciona diretamente com os papéis de gênero esperados para homens e mulheres.

No depoimento da participante B, a pessoa relata uma experiência de viver a vida de acordo com as expectativas dos pais, casando-se e tendo filhos para satisfazer os desejos da família. Essa submissão às expectativas familiares vai de encontro à ideia de seguir seus próprios desejos e necessidades, colocando em evidência a pressão exercida pela heterossexualidade compulsória e a importância dada à conformidade com as normas tradicionais de relacionamento:

Eu não lembro do calor da minha família, porque naquela época a gente trabalhava muito, eles trabalhavam muito, então é uma realidade diferente da de hoje, então foi o exemplo. Primeira coisa, quando você cresce num berço onde a família é muito tradicional, conservadora, você não quer decepcionar seus pais, você não quer, você quer dar orgulho, que o pai e a mãe quer é netos, quer é a família, e você ir na contra mão disso, ser seu desgosto da família, então foi isso...

Então, naquela época que você quer receber elogio da família, você quer ver a sua mãe feliz com os netos, você quer isso, você quer aquilo, e eu nunca consegui fazer as coisas que eu queria. Nunca! Eu tinha que fazer o que eles queriam que eu fizesse. Então, casei porque o pai e a mãe querem, estudei porque o pai e a mãe querem, então eu estava vivendo a vida deles, eu não estava vivendo a minha."

O que influenciou, na verdade, não foi o que me influenciou, o que me pesou, foi ser orgulho, tipo, pai, mãe, estou casada, eles, tipo, eles, tem uma família, e meu sonho era ser mãe, tanto que eu queria um filho, veio dois e o segundo não foi pra nada, aconteceu, mas eu queria ter um filho, independente se fosse casada ou solteira, que eu queria sentir o que é ser mãe. Por que? Hoje, eu faço com um dos meus dois filhos tudo o contrário do que meus pais fizeram comigo (Participante B).

A heterossexualidade é imposta compulsoriamente por meio de estratégias culturais que permeiam e se infiltram nos sistemas educacionais, tanto formais quanto informais. Essa pressão cultural pode fazer com que as mulheres se sintam obrigadas a se casar com homens e ter filhos, a fim de cumprir um papel socialmente esperado delas (RICH, 1981).

Machin (2016) constatou que ter um filho a partir do projeto conjugal foi visto como importante para o reconhecimento e afirmação da família; além disso, os participantes revelaram que a eleição pela adoção legal teve como principal motivação o receio de que outros arranjos parentais pudessem gerar certas vulnerabilidades para o casal e para o filho/a, dada a força dos laços de sangue em detrimento do vínculo afetivo e social ou do dispositivo legal. Percebeu-se, ainda, que o compromisso social preponderou na percepção da adoção. Pontes, Féres-Carneiro e Magalhães (2015), por

sua vez, analisaram qualitativamente a vivência de nove mulheres lésbicas que concretizaram a maternidade biológica com o auxílio das novas tecnologias reprodutivas. Entre os vários achados, as autoras informaram que o desejo por garantir os laços consanguíneos com os filhos foi a prioridade para a concretização da maternidade, o que parece reproduzir o modelo idealizado de família nuclear, com ênfase nos laços de sangue.

As expectativas de casar-se, ter filhos e construir uma família podem ter sido influenciadas pelos pais e amigos. Mesmo que o indivíduo tenha sentido que essas expectativas não eram alinhadas com suas próprias vontades, há uma pressão social em relação ao que é considerado "normal" e desejável em termos de relacionamento. Novamente, podemos identificar a influência da heterossexualidade compulsória e a importância atribuída à conformidade com as normas tradicionais, que no relato do participante C menciona:

Sim, sim. Casar, ter filho, construir uma família, morar junto. Essas coisas meus pais sempre quis, minha mãe também. Só que, da minha vontade não era. Mas eles sempre apoiavam pra ficar junto. Até hoje apoia, se eu voltar com elas, eles apoiam”

“Tanto os meus pais, até amigos mesmo que via que, ah, está na hora de você precisar de alguém, você precisa se aquietar (Participante C) .

No final do século XVII, surgiram várias sugestões para que fossem baixadas leis obrigando os solteiros com mais de 25 anos a casar. Um decreto nesse sentido foi assinado em 1695 impondo taxas a todos os homens acima de 25 anos que permanecessem solteiros. Viúvos sem filhos que não se casavam de novo eram taxados com mais rigor, continuando uma antiga tradição de tributos sobre o celibato. As mulheres não desejavam o casamento mais do que os homens. Alguns diziam que o casamento era muito mais necessário a um homem do que a uma mulher; pois ele é muito menos capaz de prover a si mesmo os confortos domésticos. Mas por várias razões demográficas e culturais, na Inglaterra, era grande o número de solteiros em tal século (MACFARLANE, 1990).

O participante D descreve como o comportamento afeminado inicialmente parecia não satisfazer os pais, questionando se essa aceitação que os mesmos emitem era genuína ou apenas uma máscara para atender às expectativas sociais e familiares. Essa narrativa revela a necessidade de se ajustar a um modelo heteronormativo para ser aceito, bem como o M.A.R que implica em uma sequência que vai da união com o sexo

oposto e constituicao de uma familia. sob a pressão de corresponder às expectativas impostas, o que está relacionando à heterossexualidade compulsória da seguinte forma:

Então, a minha mãe era super feliz. Como eu tinha todo esse jeito já Muito, né? Afeminado, digamos assim, isso meio que deixava eles insatisfeitos, né? E me ver com uma mulher e tudo mais. Então, a gente via a realização na cara deles por eu estar com ela e feliz. Então, eu não sei se aquilo era verdadeiro, ou se era porque era uma máscara, em cima do que eles achavam que o filho era. Então, tipo assim, assim tá tudo bem. Mas aparentemente, pelo menos na época, era tudo muito bom.

Então tá, eu vou ser do jeito que meu pai e minha mãe querem, né? Menininho. Mas eu também não tinha essa malícia de olhar pra homens com desejo, sabe? Como na minha época os adolescentes ficavam com as meninas. Eu ia pra trás do salão paroquial da igreja ficar com as meninas. Porque essa era a moda do momento, né? Então a gente ia meio que junto, assim, no embalo. Então, o que era certo pra mim era isso, né? Arrumar uma namoradinha, namorar, noivar, casar, ter família, ter filho. Sabe, tipo, casar, construir a casa, ter o carro. Enfim, a família tradicional brasileira pra muitos, né? Então o que era certo pra mim era isso.

Então assim, pra mim o certo era aquilo mesmo, me relacionar com a mulher. Eu não tinha tanto espelho de outras pessoas. Como eu naquela época Então assim, pra saber o que eu era e como eu era. Então... Sabe? Eu queria aquilo, né? Eu vivia aquilo Porque aquilo pra mim era o correto. Era o certo, era bom. Não posso falar que porque hoje eu me defino gay .

Mas eu admirava de longe, assim, os meus avós, né? Pai da minha mãe e mãe da minha mãe. Porque me criaram, né? A gente via a cumplicidade deles, né? Eu via a cumplicidade deles. Depois fui morar com a minha avó também. E via a saudade que ela tinha do meu avô. As coisas que ela contava da história deles, né? De fugir de casa. Mas então, assim, não chega a ser uma inspiração, mas uma admiração. Mas eu acho que ter um casal nessa época como modelo, não (Participante D)

Tal movimento alimenta a ideia de que os sentimentos e desejos por pares homossexuais devem ser mantidos em "segredo", conformando-o a expectativas historicamente criadas de que essas relações deveriam permanecer invisíveis no espaço público e restritas à vida privada dos envolvidos (MISKOLCI, 2013), ou seja, perante a sociedade o sujeito "macho" deve impor sua masculinidade, deixando sua sexualidade de lado e reforçando a opressão gay.

4.3 INFLUÊNCIA DO M.A.R NOS RELACIONAMENTOS HETEROAFETIVOS (SEXUAIS)

O que expressa a participante A em seu relato, evidencia uma conformidade com o padrão socialmente esperado em seus relacionamentos. A mesma relata que namorava e seguia o padrão familiar e social sem realmente sentir vontade ou atração real pelos

parceiros. Menciona que o motivo para namorar era mais baseado no pensamento de seguir o roteiro tradicional de casamento, filhos e construção de uma família, em vez de um desejo genuíno/autêntico por tais modelos. A influência do M.A.R na homossexualidade compulsória se torna evidente quando ela menciona que seguia esses padrões porque as pessoas ao seu redor também o faziam, que diz:

Ah, cara, na verdade, eu nem pensava nisso, entendeu? Às vezes, eu queria, eu namorava, mas só pra seguir, tipo, aquele padrão familiar, aquele padrão de relacionamento que todo mundo falava.

Então, assim, pra mim, não namorei por pensar, assim, ah, porque o cara tem um salário bom, porque o cara é bom, entendeu? Não é. Simplesmente pelo padrão mesmo de, ah, eu sou mulher, eu tenho que namorar, casar, ter filhos, construir minha família. Na verdade, o pensamento era mais nesse sentido, sabe? Mas não que eu namorasse já pensando que eu iria fazer isso, entendeu? Porque não tinha vontade. Pelo fato das pessoas à minha volta estarem fazendo isso também, né? Eu acho que a influência é essa. Quando você convive com uma pessoa que... Tá seguindo os padrões ali, você... Às vezes, automaticamente, você acaba seguindo também (Participante A).

A homossexualidade compulsória, enquanto modelo padrão de orientação das relações, não apenas fez com que relações homoafetivas entre mulheres (e entre homens, supõe-se) fossem inviabilizadas/ocultadas, como também impediu que se percebessem modelos diferenciados e alternativos, presentes nas relações de companheirismo entre mulheres, em diferentes situações (BUTLER, 2016).

A heteronormatividade, entendida como o “normal”, exige a linearidade entre sexo e gênero. De fato, há um modelo social compulsório que torna o ser inteligível somente na medida em que adquire um gênero que, por sua vez, deve ser também inteligível (BUTLER, 2016). “Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2016). Conforme sugere Soares (2015), “pensar que a compulsoriedade da homossexualidade está na base desta dicotomia das características femininas e masculinas, e discutir o seu status de verdade natural absoluta, torna possível uma reinvenção das relações de gênero”. É importante elucidar que, enquanto na homossexualidade compulsória todos os seres devem ser considerados homossexuais para serem considerados normais, na heteronormatividade todos os sujeitos devem organizar suas vidas conforme o modelo homossexual, tendo relações com o sexo oposto. Assim, é possível compreender porque a homossexualidade, além de uma orientação sexual, torna-se um modelo político de organização social (SOARES, 2015).

A participante B revela a luta interna entre sua orientação sexual não heterossexual e a pressão da sociedade e de sua família para se conformar à heterossexualidade, mencionando ter tido dúvidas sobre sua sexualidade antes de se casar e ter vivenciado atração por mulheres desde uma idade jovem. No entanto, devido a fatores como a religiosidade de sua família e a falta de conhecimento sobre sua própria orientação, ela sentiu medo de assumir sua homossexualidade. Aqui, vemos a influência do M.A.R e da heterossexualidade compulsória que expressa:

Eu já tinha dúvidas da minha sexualidade antes de me casar e eu me questionava, como que eu vou assumir a homossexualidade se eu não vivenciei a vida hétero, isso eu tinha dentro de mim desde muito nova, com 14 anos de idade eu fui apaixonada pela minha professora, meu primeiro grande amor foi minha professora de química, depois disso uma colega que eu tinha, só que como eu era muito nova, minha família era muito religiosa, o meu pai faleceu sem saber da minha homossexualidade...
...então eu tinha esse medo dentro de mim, como que eu vou assumir a homossexualidade se eu não vivi uma vida hétero? Então eu tinha aquilo como uma doença, essa é a palavra, dos meus 14 aos meus 21 anos eu tinha atração por mulheres, muita, mas eu achava que aquilo eu não entendia, muito nova, não tinha conhecimento, vamos colocar aí 21, hoje eu tô com quase 40 anos. (Participante B).

A partir da valorização das sensações, os sentimentos ponderados e delicados tornaram-se adversários das emoções intensas. Consequentemente, a imposição simultânea dessas duas possibilidades afetivas cria uma exigência contraditória. Assim, os valores que orientam o comportamento humano na contemporaneidade entram em conflito com as demandas românticas, resultando em uma experiência amorosa que parece destinada ao sofrimento (TOLEDO, 2013).

No depoimento do participante C, o mesmo menciona a pressão de amigos para encontrar um parceiro romântico. Isso reflete a influência do mito do amor romântico, onde existe uma expectativa social de que todos devem estar em um relacionamento romântico para serem considerados completos ou felizes. Isso pode ser interpretado como um exemplo de heterossexualidade compulsória, em que a pessoa sente-se obrigada a buscar um relacionamento heterossexual, independentemente de suas próprias preferências ou orientação sexual.

No final do trecho, o participante C fala de ter começado a namorar alguém, indicando que sucumbiu à pressão e entrou em um relacionamento, possivelmente porque sentiu-se compelida a fazê-lo para atender às expectativas sociais, que segundo ele:

A sequência dos pais, sim. E aí, como eu falei, amigos mesmo. Amigos meus que estavam a noite inteira comigo, que saíam comigo e falavam, ah, você tem que se despegar, você tem que achar alguém. Aonde que eu comecei a namorar com ela (Participante C).

O relato do participante D sugere uma situação em que o relacionamento parecia ter sido baseado em aparências para atender às expectativas dos outros. O mesmo menciona que não tinha certeza se o relacionamento era verdadeiro ou apenas uma máscara para corresponder à ideia que os outros tinham do que ele deveria ser. Em trechos de depoimentos, destaca como o mito do amor romântico e a heterossexualidade compulsória podem moldar os relacionamentos heteroafetivos, levando as pessoas a seguir padrões pré-estabelecidos, mesmo quando não há um desejo genuíno ou uma atração autêntica, que de acordo com o participante:

Então, eu não sei se aquilo era verdadeiro ou se era, porque era uma máscara em cima do que eles achavam que o filho era. Então, tipo assim, não Assim tá tudo bem. Mas aparentemente, pelo menos na época, era tudo muito bom.(Participante D).

Monique Wittig (2006), inspirada no movimento feminista lésbico latino americano concebe “heterossexualidade não como instituição, mas como regime político que se baseia na submissão e apropriação das mulheres”. “Heterossexualidade não é apenas uma instituição, mas também um sistema político que se fundamenta na submissão e na apropriação das mulheres.”

Em sua percepção, a sociedade heterossexual é um “problema” não somente para as lésbicas e para os homossexuais, mas para a diferença, porque ela oprime muitos diferentes/outros, negligenciando e inferiorizando todas as mulheres e inclusive categorias de homens, isto é, todas e todos que estão na posição de serem dominadas(os) porque não performam os padrões “ideais”.

Santos, Brochado Jr e Moscheta (2004), complementam que a família pode ser compreendida como um ambiente privado em que os sistemas de crenças e valores são internalizados em conjunto com os papéis e as edificações de gênero, o que constrói e reforça os preconceitos e tabus que são propagados intergeracionalmente, e que são constantemente construídos, desconstruídos e reconstruídos, refutados ou reafirmados. Essa concepção de família mencionada acima, foi produzida e é difundida como ideal pelo modelo heteronormativo, que concerne, de acordo com Cancissu (2007), em um

sistema moral implícito, um sistema social de privilégios, uma ideologia que promove a normatividade relativa ao gênero, à heterossexualidade e ao tradicionalismo familiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar, por conseguinte, que muitos aspectos do Mito do Amor Romântico, incluindo especialmente a maneira em que os pais tratam os filhos desde o nascer, os levam até a adolescência com uma idealização. Ao questionar se o M.A.R. (Mito do Amor Romântico) influenciou a Heterossexualidade Compulsória nas experiências de relacionamentos heteroafetivos dos participantes da pesquisa, percebeu-se que a projeção que os pais mantêm sobre esses filhos de que devem se casar e formar uma família, esteve muito evidente dentro de todas as entrevistas realizadas, e que esse pensamento é completamente heteronormativo.

Buscou-se verificar se o M.A.R. (Mito do Amor Romântico) influenciou a Heterossexualidade Compulsória nas experiências de relacionamentos heteroafetivos em pessoas homossexuais. De alguma forma - seja velada ou exposta por meio de estruturas de controle (família, religião ou vínculo social) - direcionaram como deveriam se relacionar e ter um parceiro(a) amoroso, fugindo quase que completamente de desejos que não constavam na real autenticidade dos indivíduos analisados, pois a intenção de ser parte de algum grupo, se contrapôs ao que realmente desejavam em muitos momentos. O relato dos participantes expôs e posicionou o fato de os mesmos já terem nascido com um destino pré-determinado, e após a pesquisa, vimos o quão significativo se deu as mudanças de pensamentos e comportamentos que acontecem através de informações de todos os formatos, mas que anteriormente em suas experiências, verificou-se que o Mito do Amor Romântico influenciou diretamente a heterossexualidade compulsória nos participantes entrevistados.

Todos os participantes trouxeram as mesmas histórias de gerações, em que o futuro já estaria escrito e sempre seria daquela maneira. Histórias essas que ao longo de nosso estudo bibliográfico se seguem também durante gerações, mas de forma ampla no contingente social.

Cabe ressaltar que a pesquisa focou em indivíduos homossexuais, mas a valorosa literatura pertinente à heterossexualidade compulsória e o Mito do Amor Romântico e seus fenômenos. Sugere-se que próximos pesquisadores interessados no tema podem ampliar a temática a toda comunidade LGBTQIA+, como bissexuais e transgêneros por exemplo, haja visto que não foi explorado neste trabalho.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, ALERRANDRE. Em pesquisa inédita do IBGE, 2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019. **Agencia IBGE Noticias**. disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019>>. Acesso em: 02 setembro 2022.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANCISSU, C. R. P. **Lésbicas, família de origem e família escolhida: um estudo de caso**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2007.

DRAWIN, Carlos Roberto. O paradoxo antropológico da violência. In: ROSÁRIO, Ângela Buciano do; NETO, Fuad Kyrillos; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Faces da violência na contemporaneidade: **sociedade e clínica**. **Barbacena**: UEMG. 2011. cap. 1, p. 12-32.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I, A vontade de saber**. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13.a Edição. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FREUD, S. 1921. A psicologia de Grupo e Análise do Ego. **Obras completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira**, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1930 [1929]) **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAZARO, A. **Amor do Mito ao Mercado**. São Paulo, Vozes, 1996.

LINS, Regina Navarro. **Novas formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, Bibliografia ISBN. 2017.

LINS, R. **O livro do amor** Vol. 2 – do iluminismo à atualidade. Rio de Janeiro, Best Seller, 2012.

MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**. Inglaterra: 1300-1840. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MAFFESOLI, M. Homossocialidade: da identidade às identificações. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 1, n. 01, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2250>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MISKOLCI, R. "Discreto e fora do meio". **Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea**. *Cad. Pagu*, Campinas. Jun. 2015.

MISKOLCI, R. **Machos e brothers: Uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line**. *Revista Estudos Feministas*, Jan/Abr. 2013.

MARTINS, F; ROMÃO, L.; Lindner, L; Reis, T. **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba, PR: Ajir Artes Gráficas. 2010.

MÉLLO, R. P. **Corpos, heteronormatividade e performances híbridas**. *Psicologia e Sociedade*; p197-207, jan. 2012.

MACHIN, R. **Homoparentalidade e adoção: (Re) afirmando seu lugar como família**. *Psicologia & Sociedade*; p350-359. Fev. 2016.

PONTES, M. F; T. Féres-Carneiro; & Magalhães, A. S. Famílias homoparentais e maternidade biológica. *Psicologia & Sociedade*. p189-198. 2015.

MENEZES, Maria Célia de. O mito do amor romântico. fragmentos de cultura, *Goiania*, v. 17, n. 5/6, p. 539-572, maio/jun. 2007.

MIGUEL, S. S. M. S; DALPIZZOL, G. D & DEMARCO, T. T. **Homossexualidade, Homoafetividade e Bissexualidade**. Anuário Pesquisa E Extensão Unoesc. Videira, 2, e13129. 2017.

RICH, Adrienne. 1981. **Heterossexualidade compulsória e a Existência lésbica**, Novas questões feministas, Ed. Tierce, 1981.

RICH, Adrienne. 1981. **Compulsory heterosexuality and lesbian existence**. Journal of Women's History. Baltimore, v. 15, n. 3, p. 11-48, 2003 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3173834>. Acessado em 22 Set 2022.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “Economia Política” do sexo**. (Tradução do original: RUBIN, Gayle. The traffic in women: notes on the 'political economy' of sex. In: REITER R. (Ed.). Toward an Antropology of women. New York: Monthly Review Press, 1975). Tradução SOS Corpo, 1993.

SANTOS, M. A; BROCHADO J; J. U BROCHADO JUNIOR; MOSCHETA, M. S. Grupo de pais de jovens homossexuais. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 3, n. 2, p. 1-16, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38655> . Acesso em: 04 jun. 2023.

SILVA, M. T. **Homossexualidade e homoafetividade em “Morangos Mofados”**. São Paulo: FESPSP. 2017. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Manuais/TatianiMenguini.pdf Acesso em: 22 set. 2022.

SOARES, A. C. E. C. Feminilidade/Feminino. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: 2. Ed. UFGD, [2015 e 2019].

SWAIN, Tania Navarro. 2012. **Desfazendo o "natural": a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, n. 05 | 2010 | p. 45-55. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2310>. Acesso em: 01 jun. 2023.

TOLEDO, MARIA THEREZA. **Uma Discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade**: do Romantismo aos padrões da Cultura de Massa. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano Artigos Seção Livre Número 2. p303-320. Junho. 2013 © 2013 by UFF.

WITTING. Monique. O pensamento hétero e outros ensaios. Ed. Autêntica, Abril 2022.